

O GLOBO

José Sarney defende a participação dos partidos

* 2 SET 1980

BRASÍLIA (O GLOBO) — O senador José Sarney, presidente do PDS, acredita que a democracia só se afirmará no Brasil "através da participação cada vez maior dos partidos políticos nas decisões do País". Sarney falou ontem na sessão de abertura do Seminário Sobre Modelos Alternativos da Representação Política, promovido pela Universidade de Brasília (UnB).

— O problema maior do Brasil — acrescentou Sarney — é a inexistência de uma tradição partidária. Até agora, nossa experiência nesse campo resume-se a partidos regionais. Por isso os canais de pressão da sociedade são exercidos por outros grupos sociais como a Igreja, os estudantes e os militares, por exemplo.

VOTO PROPORCIONAL

Presidindo a abertura do encontro — que também contou com os professores Josaphat Marinho, da UnB, e Orlando de Carvalho, diretor da "Revista Brasileira de Estudos Políticos" — Sarney criticou o voto proporcional.

Classificou-o de "elemento desagregador da representação política, uma vez que concentra essa representação em áreas populacionais maiores".

Defendendo posição contrária a de Sarney, o ex-senador Josaphat Marinho disse que o voto proporcional "é o mais democrático porque assegura a participação das minorias no processo político". Marinho criticou o voto distrital, defendido por Sarney, argumentando que, se adotado, ele possibilitará "o domínio político dos chefes locais detentores do poder econômico".

Sobre a crítica de que o voto proporcional determina a criação "de um número excessivo de partidos", Marinho disse que para evitar isso "basta existir uma legislação que permita a distribuição dos restos eleitorais".

O professor Orlando de Carvalho, no seu pronunciamento, defendeu uma ampla discussão sobre o voto distrital, antes de sua implantação no País. Como Sarney, criticou "a falta de tradição partidária", dizendo que as forças políticas predominantes atualmente são, pela ordem, os militares, os tecnocratas e os políticos.

Sem citar nomes, o diretor da "Revista Brasileira de Estudos Políticos" denunciou que grupos de tecnocratas periodicamente se reúnem no Rio de Janeiro para traçar "as linhas gerais da política brasileira".

Essa preocupação dos tecnocratas com a política, acrescentou Orlando de Carvalho, "já começa a causar uma certa intranquilidade nos meios empresariais, que temem prejuízos ao desenvolvimento industrial decorrentes dessas decisões".